

NOTAS SÓBRE A POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS

João Décio

I — “A Tabacaria”

A antológica, tão citada e tão pouco estudada “Tabacaria” de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, desde há vários anos nos tem chamado a atenção pela complexidade de processos racionais e sentimentais que a animam. Isto nos levou a uma tentativa de interpretação da imagética estrutural da poesia, num sentido despretenhoso e nada científico, no sentido de oferecer alguma trilha, abrir alguma picada em torno do assunto.

A poesia “A Tacaria” inicia-se co ma afirmação concreta e direta do “nihilismo” de Álvaro de Campos: “Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada”. A concretização òbviamente reside no têrmo nada. Aliás, no decorrer de todo o poema busca-se a atomização do homem, a redução do seu sentimento e da sua sensibilidade, mostrando que o relativo é algo permanente, embora o aparente paradoxo da afirmação. O problema seguinte centra-se no sonho do homem, como possibilitador da fuga da realidade concreta e aniquiladora: daí o homem tentar realizar na vida onírica o que lhe é vedado no plano real. O próprio caráter sensacionista que por vêzes se opera na vivência onírica liga-se diretamente com o aspecto caótico de muitas imagens da poesia de Álvaro de Campos. E a instabilidade do sensacionismo (êxtase das sensações) é que faz o poeta oscilar entre o real concreto e exterior a êle o seu mundo inconsciente ou subconsciente. Ainda mais há uma interrelaçwo evidente entre o espiritual e o psicológico e o pêso dos elementos prosaicos, tornados poéticos pela transfiguração proposta pelo artista. Por isso não se deve estranhar que inesperadamente o poeta salte de uma linha de sondagem interior para lembrar alguns aspectos prosaicos. É o que ocorre com imagens como: “Janelas do meu quarto/ Do meu quarto de um dos milhões de mundo que ninguém sabe quem é/ O poeta apresenta a

realidade concreta exterior a posteriormente interioriza e universaliza o fato quando reúne e associa o seu caso com muitíssimos outros (milhões). O processo é simples e dialético, caminhando da emoção para a reflexão. O poeta apresenta a imagem, “concreta” (“janelas do meu quarto”) reflete sobre ela (“do meu quarto”... quem é”) e reflete sobre esta reflexão (“E se soubessem... saberiam?") Novamente, a partir da referência à rua, observa-se o mesmo encaminhamento: apresentação da imagem “concreta” e reflexão buscando-se um significado mais profundo: “Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,/ Pra uma rua inaccessível a todos os pensamentos,/ Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,/.

Portanto, já nesta altura é possível assinalar aqui três camadas na poesia de Álvaro de Campos: a sentimental, a reflexiva em torno da sentimental e a reflexiva da reflexiva que ocorre também em alguns momentos da “Ode Marítima”. É o fato de atingir estas profundezas do ser, analisando verticalmente a emoção, que explica o grande valor da poesia pessoana. Mas voltemos à “Tabacaria”.

Através da aceitação do mistério com relação a tudo, o poeta volta-se para alguns elementos concretos e no princípio prosaicos, mas bases de sustentação do sentimento e da reflexão do artista. É o caso de imagens em torno de termos como gente, rua, coisas, pedras, seres, fazendo-nos lembrar inapelavelmente a poesia do cotidiano, onde indiscutivelmente Fernando Pessoa foi se abeberar, especialmente em seu heterônimo Álvaro de Campos: “Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente”. Em seguida o poeta associa esta realidade “concreta” com a impossibilidade de revelá-la esteticamente, a sua significação: “Para uma rua inacessível a todos os pensamentos”.

Ainda, ao mesmo tempo que o poeta acerca-se dos aspectos das ruas refletidas nêle, aceita a limitação da existência para chegar à compreensão total das coisas, da rua em particular nesta altura: “Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa”. De um lado o poeta aceita o dogma do real exterior e do certo e ao mesmo tempo lembra a impossibilidade de se explicar êsse mesmo dogma. Uma coisa é o real e o certo em termos de aceitação provisória dos fatos; outra é a impossibilidade total da aceitação quando buscamos a essência das coisas, por si mesmo inexplicável. Portanto, aparência e essência são os dois pólos importantes da poesia,

ao lado do absoluto e relativo dos elementos. Tudo vai da maneira de ver, incluindo aqui o “ver” todas as direções da inteligência e dos sentidos do ser. Logo após, o poeta apresenta três elementos importantes consubstanciados no mistério, na morte e no destino situado no processo de reflexão originado de alguns dados concretos: pedras, sêres, paredes, cabelos brancos, carroça). Assim, na base da reflexão situa-se a emoção provocada pelas coisas concretas.

Depois de se afirmar nos três elementos gerais que exercem decisivas influências no homem e lhe resolvem a vida, (mistério, morte, destino), fôrças exteriores e imponderáveis, o poeta volta à análise do “eu”, através da constatação e da revelação de algumas verdades em momento especialíssimos do homem: “Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade./ Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer/”. Quer dizer, através da profunda e visível consciência da realidade o poeta associa a lucidez mental com a morte e o vencidismo provocado por saber a verdade. Nos dois momentos no da morte e no da ciência total da verdade o homem transcende a si-mesmo, mas nesta altura um pessimismo parece brotar, anulando a possibilidade de felicidade para o homem. Conhecer-se é uma das fórmulas do homem valorizar-se mas também é o caminho mais certo para a insatisfação e o tédio. A poesia de Alvaro de Campos, e em particular, “A Tabacaria” é uma incessante busca da verdade, não a transitória mas a eterna e invariável. Aliás, nesse poema está evidente a demonstração de que todo o transitório é permanente e há uma permanência em todo o transitório. Os dois momentos, o da morte e o do conhecimento constituem um processo de desligamento amplo e total dos elementos que cercam o homem: “E não tivesse mais irmandade com as coisas”. E aqui a “despedida” é o têrmo que permite a volta ao mundo concreto das imagens sensíveis, das coisas que estão fora do poeta e como paisagem pesando nêle:

“Senão uma despedida, tornando-se esta casa e êste lado da rua./ A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada./ De dentro de minha cabeça./ E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida”,

Mais adiante, ao invés de estabelecer a consciência de algo es-sente e por isso mesmo imutável (“não sou nada/ nunca serei nada”) o poeta começa a preocupar-se com a auto-esca-vação em têrmos de aspectos transitórios do ser:

“Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu./ Estou hoje dividido entre a lealdade que devo/ À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,/ E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro/”.

Ainda mais, pela primeira vez o poeta apresenta a Tabacaria, que é um elemento circunstancial (poderia ser outro local) e que apareceu naquele momento, o que assinala que a poesia vive também das circunstâncias. Tinha só que ser o local que ficasse defronte do poeta naquele instante. Portanto, muitas vezes na poesia encontramos aspectos circunstanciais e porque não dizer, prosaicos. Volta o poeta a uma afirmação que assinala o seu “nihilismo” (aliás aspecto obsessivo e meio monócórdico e monótono), evidente na descrença: “Falhei em tudo, ao mesmo tempo que submete êste “tudo” a uma dialética um pouco forçada, para transformá-lo no seu contrário: “Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fôsse nada/. Esta luta das antíteses, das idéias opostas encontra-se com certa freqüência na poesia em geral de Álvaro de Campos, o que confirma a constante crise de angústia e de afirmação com que se debate o heterônimo moderno, da era das máquinas e das engrenagens. Logo em seguida, o poeta, acreditando na importância de “concretizar”, a realidade, associa o espiritual com outra de sentido material: é uma maneira de tornar mais impressiva a imagem poética:

“A aprendizagem que me deram./ Desci dela pela janela das traseiras da casa”.

O poeta assinala em seguida o interêsse em buscar algo diferente no campo mas vê frustrado o seu intento, porque parece não haver mais novidade no mundo; tudo está gasto, nada há a acrescentar no plano das emoções e das idéias: “Fui até o campo com grandes propósitos/. Mas lá encontrei só ervas e árvores/. O poeta estende a monotonia das coisas às criaturas humanas”: E quando havia gente era igual à outra”. Volta o homem a uma dinâmica, consequência da constante instabilidade de não contentar-se nunca com nada:

“Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?/ Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?/ Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa/.

Dentro de um processo dialético, encadeando uma série de reflexões o poeta vai caminhando para um aniquilamento total. Nesta altura as congeminações giram em tórno da essência do homem e do seu pensamento.

A instabilidade emocional provoca no homem o desequilíbrio da razão, lançando-o a atitudes impensadas, a gestos sem finalidade e consequência. Percebe-se nesta altura a evidente abulia mental que atinge o ser. O poeta conclui o pensamento com o relativismo quando liga o seu pensamento e o seu sentir individual com a generalidade das pessoas: “E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos.

Até esta altura portanto, destacam-se o nihilismo do poeta, o encontro de algumas verdades eternas, como o da morte e o da lucidez, a instabilidade psíquica, o relativismo da vida; no espaço formal destaca-se especialmente a revelação de aspectos abstratos do ser através de imagens concretas.

II — *Para uma interpretação de “Ao volante do Chevrolet pela Estrada de Sintra”*

“Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,/ Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,/... Nesses dois versos alguns aspectos importantes podem ser apontados: Em primeiro lugar, a localização no espaço e na circunstância, importante para se compreender a linha de pensamento do poeta: são condições que levam clara e normalmente para o processo antes do “cismar” que do pensar no poeta. O homem ao volante nos fornece a impressão inicial de que está dominando uma máquina, que está dirigindo. Depois de definir claramente a dinâmica do homem, o poeta toma consciência de si e procura definir exatamente seu estado mental, num momento que atinge o limite do real para entrar no campo do onírico: “Sôzinho guio, guio quase devagar, e um pouco/ Me parece, ou me forço para que me pareça/. Portanto o poeta ao mesmo tempo que está sendo levado pelo sonho, pelo devaneio, participa também, força o seu próprio encaminhamento para o mundo do supra-real ou do irreal. Desde já vamos notando que o poeta caminha entre dois mundos solicitado por forças íntimas e por forças exteriores. O devaneio o leva a não separar bem as coisas de sorte que, num dado momento ele não distingue os pontos de referência: “Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo,/ Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,/... Neste momento o poeta chega a uma conclusão que resultou num dado fixador da experiência, e que confere, o elemento universalizante, já nesta altura: “Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?”

Mais adiante o poeta coloca a impossibilidade da permanência, dada a constante agitação em que vive, mas também em todo o lugar o poeta sente-se insatisfeito (“estrangeiro aqui como em tôda a parte”) e lamenta-se de se ter deslocado: “Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa”/ Mas quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa/”. Nesta instabilidade emocional e psíquica operada no tempo e no espaço gera-se uma obsessão na aceitação constante da idéia da não-finalidade da vida: “Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência/”, Sempre, sempre, sempre,/ Esta angústia excessiva por coisa nenhuma,”. Tudo isso é permanente, independentemente do lugar, ou do estado de espírito, consciente ou inconsciente: “Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada da vida...”

Depois desta longa divagação em que o poeta se auto-analisa no que tem de mais profundo, volta-se ao problema da relação homem-máquina. Primeiramente o poeta volta para dentro de si mesmo atuando num plano subjetivo e egotista. Em seguida passa a relacionar-se com o mundo exterior através da máquina (o automóvel). A poesia vai caminhando num processo ondulatório, ora predominando o mundo interior do artista, ora o mundo exterior a êle, ora fundindo-se os dois mundos.

Na relação com a máquina, a princípio o poeta nos dá a impressão de que o homem a domina, numa série de imagens dinâmicas: “Maleável aos meus movimentos subconscientes do volante”/ Galga sob mim o automóvel que me emprestaram/. Em seguida, observa-se a tomada de consciência da situação: “Sorrio do símbolo, ao pensar nêle, e ao virar à direita./. Ocorre então o processo de generalização do processo do empréstimo. No início era apenas o automóvel. Agora: “Em quantas coisas que me emprestaram eu sigo no mundo!” Finalmente volta-se à relação do homem consigo mesmo: “Quantas coisas que me emprestaram, guio como minhas!/ Quanto me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!” Como se depreende das considerações, três passos se evidenciam na poesia: 1º) o aspecto emocional duma primeira imagem; 2º) a constatação de uma situação e 3º) a reflexão sobre a situação, lançando então a poesia num sentido universalizante: Aos poucos há um aumento do raio de ação espacial; o poeta parte de si, relaciona-se com a máquina e agora amplia suas perspectivas, fazendo aparecer outros aspectos. No comêço aparecem os ambientes em que o poeta

coloca tipos humanos de vida oposta à dêle; a estrada o casebre apresentam modéstia e pobreza que se opõem à facilidade de vida do burguês, passeando de automóvel. Portanto, tipos contrastantes. Primeiramente o poeta apresenta a situação ambiental: “À esquerda ocasebre — sim o casebre — à beira da estrada”. A vista se estende às amplidões maiores, vindo imediatamente (uma idéia pura a outra) a preocupação com a liberdade:

“O automóvel, que parecia há pouco dar-me liberdade,/ É agora uma coisa onde estou fechado,/ Que só posso conduzir se nêle estiver fechado./ Que só domino se me incluir nêle, se êle me incluir a mim/.

Nesta altura o poeta constata apenas a aparência de liberdade que o homem pode gozar. Por paradoxal, neste caso o homem só se julga livre quando está prêso. E o automóvel é o elemento mais próximo e que representa o mundo que inclui o homem, e que diminui a possibilidade de o homem ver claro. O homem e por extensão tôda a humanidade está reclusa, está presa no mundo, e não pode estar fora dêle para ter uma visão exata da sua situação. Na verdade deve-se concluir pela total impossibilidade de se conhecer, de se situar. A poesia, portanto, constitui-se numa mera tentativa desesperada e quase inútil. O problema da liberdade, ao lado do sonho, da instabilidade psíquica e da felicidade que apontaremos mais adiante, constituem os “motivos” mais importantes da poesia, em tela. Logo em seguida o poeta aponta algumas figuras humanas. Sim, apontar é o têrmo porque Fernando Pessoa não individualiza. Tais figuras o poeta as revela através de sua visão mas também faz questão de imaginar o conteúdo dessas mesmas figuras na observação com relação ao poeta. E aqui se põe outra tônica importante na poesia: a relatividade das coisas, segundo cada sujeito em relação a cada objeto ou objetivo.

“A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha./ Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquêle é que é feliz./”

O poeta imagina um alguém qualquer no plano verossímil num plano geral, para em seguida individualizá-lo numa criança e numa mulher:

“Talvez à criança espreitando pelos vidros da janela do andar que está em cima./ Fiquei (com o automóvel emprestado) como um sonho, uma fada real./ Talvez à rapariga,/ que olhou, ouvindo o motor, pela janela da cozinha/ no pavimento térreo”.

Nesta altura, naturalmente que as imagens deixam o rigor de auto-análise que o poeta vinha se impondo, para caírem num momento de total imaginação, dado apenas o carácter de suposição com relação à mulher ou à criança. As imagens poéticas, nesta poesia, portanto se inserem em dois campos: o da auto-análise em que o poeta racionalmente interpreta o seu “eu” e o da imaginação fantasiadora em que o poeta insinua interpretações e posições de outros “eus”, alheios a êle, obviamente. Contudo, mesmo aquilo que seria o homem como significado para outras criaturas humanas, permanece algo indefinido e indefinível, mais uma prova (se é que são necessárias as provas na análise de poesia) de que o homem está fantasiando: “Sou qualquer coisa do príncipe de todo o coração de rapariga,”. Num momento ou outro parece haver perfeita intuição das reações daquelas personagens que se apresentam para se ligar ao poeta: “E ela me olhará de esguelha, pelos vidros, até à curva em que me perdi./

Neste processo de contínua observação crítica e lúcida da realidade, novamente se opera uma crise em tórno da razão real da atração exercida sôbre a mulher: “Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa”. Em seguida o poeta define as duas possibilidades, colocando ora em plano primacial o homem, e em segundo lugar a máquina, ora invertendo o processo: “Eu, guiador de automóvel emprestado, ou o automóvel emprestado que eu guio?”.

Depois do longo processo intelectual em que o homem busca um sentido para si e para os outros que com êles se relacionam, num dado momento, opera-se à retomada da preocupação com o local geográfico: “Na estrada de Sintra as luas, na tristeza, ante os campos e a noite”. Percebe-se que as circunstâncias pesam no sentimento humano, de desalento e desconsôlo: “Guiando o Chevrolet, emprestado, desconsoladamente,”. A consequência é a fuga na direção mais fácil que o momento oferece, que é sentir-se todo o poderoso, embora instantaneamente no aparente domínio da máquina: “Perco-me na estrada, sumo-me na distância que alcanço,/ E num desejo terrível, súbito, violento, inconcebível,/ Acelero...”. O estilo marcado pela sucessão adjetival assinala claramente o total descontrôle na fuga do homem à realidade mental que o avassala e o aniquila. Gera-se o automatismo natural e universal das grandes velocidades: o homem tem a sentidos (especialmente a visão) voltados para a realidade exterior, mas não há percepção nas zonas nervosas: “Mas o meu coração ficou no monte de pedras, de que me desviei ao

vê-lo sem vê-lo”. A conclusão da poesia demora numa expressão essencialmente sentimental de auto-piedade devoradora e insolúvel: “À porta do casebre,/ O meu coração vazio,/ O meu coração insatisfeito,/ O meu coração mais humano do que eu, mais exato que a vida./ Sim, mais exato com a vida porque estamos diante de um sentimento crivado pela razão, e não de sentimentos comuns e inconscientes da maioria das pessoas na sua vida regrada e vulgar. Os últimos quatro versos apresentam a volta do homem ao mesmo lugar em que começou e que ainda está. Diminui-se a distância geográfica mas o que é mais terrível e inexorável aumenta a distância do ser humano com relação a si-mesmo: “Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,/ Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...”.

Em síntese e em conclusão esta poesia de Fernando Pessoa é ilustrativa de algumas tônicas importantes: a felicidade, a relatividade das pessoas e das coisas, através da instabilidade psíquica e da indefinição mental do limite entre a essência e a aparência dos gestos, das emoções humanas.

Ainda mais, a poesia em tela constitui exemplo evidente do constante processo de osmose entre o mundo interior do artista e a realidade exterior. É válida ainda pelo equilíbrio entre os aspectos conceptuais, sensórios e afetivos do poeta.

Haveria talvez muito mais aspectos a estudar, mas julgamos ter representado aquilo que de mais relevante se coloca nesta composição de Álvaro de Campos.

III — *Algumas observações em torno de “Aniversário”*

A poesia “Aniversário” de Álvaro de Campos é exemplificativa e ilustrativa da preocupação desse heterônimo de Fernando Pessoa com a infância. Através de algumas imagens de base profundamente emocional o poeta faz um retrospecto da vida de infância em família, acentuando o peso do tempo que tudo transforma. A visão do adulto é de mágoa, de dor e de sofrimento e de cruel reconhecimento de irre recuperabilidade do tempo. A poesia inicia-se com um processo de lembrança de um fato importante na vida de criança: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,”. No segundo verso o poeta apresenta a definição de uma situação mental e individual bem como a circunstância humana com relação ao indivíduo: “Eu era feliz e ninguém estava morto”. Em seguida o poeta assinala todo o peso das coisas costumeiras na vida co-

tidiana e feliz da criança porque esta era toda emoção e sentimento: “Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,”. Assinala-se aqui aquela duração eterna das coisas e dos acontecimentos para o espírito da criança que não tem consciência do fluir do tempo. O poeta transporta-se para a época de criança procurando ter aquela impressão da vida da tenra idade. Nesta altura define-se um sentimento da própria criança e dos que a cercam como se fôsse algo ritual e permanente: “E a alegria de todos, e a minha, estava certa como uma religião qualquer”. A êste aspecto alegre da vida infantil o poeta vai opor o amor de desilusão, conseqüência do desaparecimento da consciência e do modo de ver e de sentir a vida da criança. Mais adiante assinala-se integralmente a existência única e exclusiva da vivência sentimental e emocional, isenta de qualquer problema de ordem prática: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,/ Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma”. Um aspecto importante ainda se podem notar aqui: a obsessão de raiz emocional no sentimento da saudade: no tempo em que festejavam o dia dos meus anos”. Logo após se coloca a relação da criança com a família, numa época em que naturalmente não havia a consciência da situação por parte da criança. Só no adulto é que se coloca a posição de lembrança sentimental, cristalizada pelo pêso do tempo. Assim é que numa poesia como “Aniversário” é necessário atentar para duas realidades: a da criança vivendo sua infância e a do adulto que confere o dado crítico na interpretação dos fatos da vida infantil. Na relação com a família, esta representa um mundo de esperanças inexistentes no espírito da criança, porque ainda vive pela emoção e pelo sentimento, não racionaliza, não pensa, não tem esperanças (nem sabe o que é isto) e por isso é feliz: “Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,/ De ser inteligente para entré a família,/ E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim. “O poeta apresenta aqui o aspecto universal das grandes esperanças depositadas pela família nas crianças, o que nem sempre é correspondido. O homem de “Aniversário” vai-se frustrar naquilo que sonharam para êle quando criança e que êle nunca sonhou. Tanto assim é que quando toma consciência percebe o sem-sentido do ideal pretendido com a vida realizada: Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças./ Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida”. Existia a felicidade no ser até o momento em que a vida era somente sentir e ter emoções; no momento que o homem se reconhece no mundo e se vê a braços com a esperança e

com a vida, falha fragorosamente: a vida através da imaginação nada tem a ver com a vida real que constitui sempre um processo contante de perda das ilusões. Mais adiante o poeta lamenta num tom de auto-piedade todo o significado enorme de sua vida que se esvaziou no tempo e no espaço: “Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,/ O que de coração e parentesco,/ O que fui de serões de meia província,/ O que fui de amarem-me e eu ser menino,/ A criatura faz um balanço de tudo que perdeu no plano do sentimento e no plano dos costumes que eram motivo de sua felicidade e de seu bem estar. O poeta assinala a importância daquilo que perdeu no plano individual e no coletivo. Ainda num tom de auto-piedade onde a expressão se repassa da maior emoção o poeta revela o verdadeiro sentido do presente na franca oposição com o passado: “O que fui — aí meu Deus!, o que só hoje sei que fui.../ A que distância!.../ (Nem o acho...)”. E volta-se à lembrança do tempo irremediavelmente passado e não propriamente do tempo mas das condições de sentir e viver exultante na época da infância: “O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!”

Nos versos adiante o poeta identifica o seu dilaceramento interior com algumas imagens concretas da realidade exterior: “O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,/ Pondo grelado nas paredes...”. Manter-se num campo do abstrato não proporcionaria possibilidade da imagem real do íntimo do artista e é por esta razão que êle se vale da concreção em torno da umidade no corredor.

O verso seguinte constitui o auge da emoção visível na relação do poeta com a casa do passado e seu mundo de recordações: “O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas!” O poeta assinala a condição de dor interior com a realidade exterior: “O que eu sou hoje é terem vendido a casa./ É terem morrido todos,/ É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio...” Percebe-se claramente que o homem no plano individual é conseqüência do desaparecimento das pessoas e das coisas que eram o grande significado da vida. O poeta nesta altura insiste no revelar através dos elementos que cercam a personagem no seu processo de evocação dorida da infância.

O poeta começa por fazer um balanço da época da infância dentro de um plano altamente emocional. Na segunda parte da poesia contudo, a evocação caminha para um processo sensorial, como que para completar o processo de revisão da

infância: “Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,/ Por uma viagem metafísica e carnal,”. A comparação da vida atual com a gozada na infância é tão vinculada que o ser sente-se como se fôsse dois: “Cmo uma dualidade de eu para mim...”. No desespero há um desejo físico de se sentir profundamente o passado: “Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes/”. Isto denota a avidez com que o ser tenta recuperar não o tempo mas a situação de felicidade já impossível. Porque antes de buscar um tempo perdido o poeta busca um real estado de espírito, perdido porque o tempo passou, morreram todos, vendeu-se a casa, etc.

A exaltação sentimental da recordação parece produzir um breve momento de lucidez total na apresentação das amigas das coisas que cercavam a criança e a sua vida: “Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...” E o processo visual se ergue poderosamente: “A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,/ O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado —/ As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,/ No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...” Esta nitidez flagrante com que o ser visualiza a infância provoca uma comoção violenta e histérica: “Pára, meu coração! Não penses! Deixa o pensar na cabeça!/ Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!” Finalmente o poeta cai numa prostração consciente de sua situação atual: “Hoje já não faço anos./ Duro./ Somam-se os dias./ Serei velho quando o fôr./ Mais nada”. Há um período breve de exatidão raivosa para em seguida ocorrer a volta à epressão desconsolada e triste: “Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!.../ O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...”

Em conclusão e em síntese “Aniversário” é uma composição exemplificativa da revelação afetiva de Álvaro de Campos com relação à condição psicológica irrecuperável da infância e como diz Jacindo do Prado Coelho: “Para Fernando Pessoa recordar não é reviver, é apenas verificar com dor que fomos outra coisa cuja realidade essencial não nos é permitido recuperar”. (*Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, p 89.